DOAÇÃO

Copia - Ministerio da Guerra

Inspetoria Especial de Fronteira - Diario do Serviço de Inspeção. da 2a. Turma ao Vale do Rio Uaçá - 1936-

Outubro 2 - Depois de preparado um batelão contratado com a firma Jacinto dos Santos & Cia, de S. Raymundo, com o pessoal necessario aos diversos mistéres, mantimentos e aparelhagem de serviço, deixei o porto de Clevalandia às 9 horas na mare de refluxo, em direção ao baixo Oiapóc. O batelão, impulsionado por um motogodyle de 5 cavalos, ia carregado com mais de uma tonelada, sendo 200 quilos de mantimentos para 20 dias de jornada, 600 quilos de aparelhos, o motor com 20 caixas de gazolina e oito pessoas com a media de 560 quilos. Determineia marcha do batelão nessa mare, até o proximo porto de St. Antonio, que dista 13 quilometros abaixo de Clevelandia, e 13 quilometros por hora. Anteriormente ja tinha medido a marcha na maré contraria, fluxo em 80 minutos para essa mesma distancia, o que reduz a velocidade a 9,750 metros por hora. Com esses fatores podia eu ir tomando os rumos de viagem e marcando no chronometro os respectivos tempos, referentes ao fluxo e refluxo das marés. Os rumos eram tomados na bussola portatil Casela e os tempos ao chronometro, dito, ao chrono rafo. Passei por St. Antonio às 10 horas onde parei para almoço e parti às 12,20. No porto de S. Raimundo detive-me alguns minutos, deixando as informações para completar no volta com mais sobra de tempo. Daí para baixo o Oiapóc alarga-se e, com as rajadas de vento, as aguas encrespadas nos molhavam a roupa, isso no longo percurso até Ponta dos Indios ou Demonty, onde chegamos às 15,30. A maré não permitia então vantagens para proseguirmos, por ser muito rasa a Ponta do Mosquito na boca do Uaçá. Pousamos então em Demonty na repartição aduaneira, tendo sido hospedados pelo fiscal aduaneiro, sr. Manoel Fonseca da Cunha.

Nesse tempo vistei a agencia do correio, a escola publica, o posto sanitario do Estado e tomei algumas informações concernentes à minha missão no Uaçá. Encontrei residindo aí sr, Abelardo Botleho do Nascimento, professor da escola do Uaçá, por conta do Estado do Pará. Sabendo da minha viagem de inspeção aquela região, pediu-me passagem no batelão para ali chegar comigo, o que achei razoavel - sendo ele quem melhor me podia dizer sobre os indios "Gallibis". Todas as pessoas que vi sofriam de paludismo endemico no Oiapóc. Demonty não é mais nem menos doentio que os outros lugares, havendo alguns recursos locaes; o gado que vi pastando nos logradouros da povoação - apresentava bom aspecto, apezar da grande seca que assola essa zona neste mez. O porto de Demonty é ponto de passagem obrigatoria de todos os barcos que transitam pelos mares do norte em direção a Cayena para a respectiva fiscalização aduaneira. A ponte de desembarque necessita alguns concertos, estando porém em boas condições.

Os indios do Uaçá, costumam vir aí vender seus produtos e comprar no armazem local do Coronel Zacarias o que precisam, com o produto do que venderam. Costumam vender peixe seco ao sol, pirarucú, tracajás, ovos de tracajás, passaros, taboas de louro berdage peles, farinha, (Quak) e outras coisas.

Outubro 3 - Parti de Demonty às 5,45, em maré montante, contraria a nossa marcha, mas convinha atingir na preamar o promontorio que divide o Oiapoque do Uaçá, conhecido por Ponta do Mosquito, a 4 horas de marcha de Demonty, por ser essa ponta um banco raso na extensão de mais de tres mil metros. Na vasante todo esse raso fica a descoberto, havendo peigo para as embarcações de ficarem encalhadas e sujeitas às maretas de alto mar que acabam por destrui-las. Ainda mais esses bancos são atoladiços, não havendo possibilidades de se tomar pé em caso de desembarque. Paramos às 7,38 por ter havido um incidente na parte do leme do motor. Estavamos passando pela unica moradia dessa parte do Oiapóc, a fazenda do Mosquito do sr. João Soares Leal, que ai cria algumas cabeças de gado. Toda a margem

e alagada e lamacente, da Ponta do Mosquito até aí, sendo para cima mais firme em alguns trechos cobertos de palmares e taqueraes; a parte interior porém continua sempre alagada.

Atéa Ponta do Mosquito a vegetação é de "mangaes", arvores cujas raizes se elevam a dois metros do solo na baixa mar e multiplicam-se em ramas adventicios numerosos, impossilitando o transito pelas margens. As 9 horas chegavamos as extremo dessa Ponta, maré baixando, a aproveitamos a agua ainda alta para rodea-la afim de entrarmos no Uaçá. O nordeste começava a soprar provocando fortes maretas de encontro á margem esquerda do Uaçá que começavamos a navegar. O piloto viu que não podia resistir ao ambate e ordenou o rumo da outra margem, mais protegida pela extensa ribanceira de mangaes. O rio vem no rumo de 170º tendo nós, depois de 40 minutos de marcha (3.600 metros), atingido a margem direita, proseguindo daí em diante em aguas mais tranquilas, embora maior o calor pela ausencia de brisas nesse lado. As 11,50 paramos para almoçar e porque estavamos com desvantagens de marcha na maré de refluxo. Por ser impossivel por os pés em terra, devido ao lamaçal das margens do Uaçá, fizemos nossa refeição no batelão, bebendo agua de reserva que traziamos. Não nos foi possivel filtrar a agua do Uaçá pela enorme porcentagem de terras que contem cerca 30% de barro. Quanto ao abrigo dispunhamos da sombra de um mangal mais inclinado que as demais, cobrindo apenas a metade do nosso barco. O sol inundava tudo no seu aprumo do meio dia e a parede do mangal barrava qualquer brisa. Passava por nós uma canoa de indios "Urucauás" carregada de peixe seco em direção a Demonty. Tive que lhes falar em francez por não entender em nossa lingua. Às 13,10 largamos desse pouso devido ao grande calos continuando a viagem pela mesma margem. Às 16 horas veio a maré montante, formando a 300 metros adiante de nós, uma pororóca, o que observamos pelo crescimento das aguas formando ondulações em marcha rio acima, ondas que ao se aproximarem das margens quebravam-se ruidosamente e varriam as ribanceiras de raizes do mangal. Mas aí parou o nosso motor, com qualquer irregularidade na maquina. Sómente ás 17 horas o motor começou a funcionar bem, permitindo-me acompanhar a maré favoravel, as aguas ainda agitadas pela pororóca. As 18 horas chegamos ao onde o Uaçá recebe o Rio Curipi pela sua margem esquerda, conhecido por "Encruso", unico local onde existe uma terra mais firme no promontorio que divide as duas aguas. A barranca tem quatro metros de altura na vassante, a agua chegando até o topo na preamar. Uma ponte já em ruinas dá acesso ao local, onde existe uma "barraca" pertencente ao sr. João Antonio Leal que aí até que o paludismo não o deixou mais se mover. A moradia, ainda em boas condições, construida de madeira e paxiuba, está ao abandono, o logradouro coberto de arbustos onde as canaranas e o mata-pasto asfixiam as laranjeiras, limoeiros, genipapeiros, coqueiros e outras plantações necessárias à vida. O pobre homem que tem nove filhas moças, duas delas sendo professoras dos indios no Curipi e no Uracauaá, mudou-se depois para o Mosquito do Oiapóc. A nossa chegada foi festejada por uma rejada de anofêles famintos. Por imprevidencia do piloto não trouxemos agua potavel para o uso da cozinha, resultando que não se poude preparar um alimento qualquer. Armadas as redes e mosquiteiros aí pousamos bem fatigados pelo sol da jornada. Providenciamos porem para encher as latas vasias com agua barrenta do rio afim de que, no dia seguinte, assentando o residuo, podesse ser decantada bem empregada para preparar o nosso café.

Outubro 4 - Rio Curipi - Podia continuar subindo o Uaçá de que já tinhamos percorrido 40 quilometros, distancia da boca ao Encruse mas preferi subir o rio Curipi em visita aos indios "Caripunas" pois tive informações de serem esses indios os mais adiantados da região. Assim levantamos o puso ás 7,20 e entramos no Curipi em rumo de 240º, maré favoravel, rio largo, nessa parte 35 metros. As margens lamacentas, muradas de aningas altas de tres metros; assahys, taquaraes e alguns buritis, curso sinuoso, aguas barrentas, perturbando a marcha do nosso motor, sendo preciso recorrer a zinga e ao remo. As 10 horas avistamos ao fundo terra alta descobrindo-se mais as margens onde por onde se viam descampados baixos, desco-

brindo-se mais as margens por onde se viam descampados baixos, que na época das chuvas alagam formando enormes lenções d'agua. Ja vimos as queimadas que fazem os indios nos terrenos mais secos para suas plantações e adiante o morro do Taminã onde estão aldeiados os indios do rio Curipi. Toda a região do Uaçá apresenta o aspecto de uma planicie vastissima, de onde emergem alguns campos que alagam na época das chuvas chamam "Savanas". O terreno é muito atoladiço e sópode ser atravessado a pé em época seca, procurando-se pisar nas touceiras de canarana rasteira ou capim membéca. Nas chuvas ou no inverno, sòmente em canoas épossivel o transito en re as "ilhas". Estas são cobertas de mato alto, com boas madeiras e terras ferteis com muita caça e refugio de onças e outros animaes indesejáveis. Informaram-me que um certo comissario de policia do Oiapóc desterrou dois deportados vindos de Belém para uma dessas "ilhas" do Uaçá e que os desgraçados lá foram devorados pelas onças, tendo-se encontrado tempos depois as ossadas deles espalhadas á beira dos bosques. Ás 11,10 o nosso batelão amarrava no porto dos Caripunas onde havia uma meia duzia de canoas dos indios. Aí já nos esperavam alguns Caripunas e toda a população já estava alerta, pelo ruido que fazia o nosso motor durante meia hora de travessia pelo vale do Curipi ao aproximar-se do porto. Deante de nós se erguia o monte Taminã á distancia de 300 metros do rio. Não tem mais que 50 metros de altura esse morro, sua extensão vai a 4 quilometros; adiante existe mais uma savana e depois outros elevados de menor importancia. Quanto mais se sóbe o rio mais se multiplicam as "ilhas" até que a terra vae se elevando para construir o massiço do Lombard coberto de matas cerradas. No porto o Curiti tem apenas 15 metros de largura. Até o sopé do Taminã, onde está o povoado, os indios estendera troncos de buritis para permitir o transito sem pisar-se no atoladiço. O campo é coberto de capim membéca, canarana roxa, sororocas e aningas. Mandei descarregar o batelão sendo a carga conduzida para a aldeia, depois de ter percorrido os 300 metros de distancia, equilibrando-se por cima dos troncos de buritis, até chegar á casa do major João Fortes, o chefe dos cripunas. Na parte alta do Taminã, cerca de 20 metros acima do campo raso, está situada a Vila do Espirito Santo do rio Curipi, uma fileira de casinhas abertas, cobertas de palha, vãos de madeira lavrada e todas com giraus onde dormem os moradores. A casa do major muito ampla, assoalhada de "bordage", bem coberta e limpa, ofereceu-me ótimo rancho de hospedagem. Todas as casinhas se escondem numa luxuriante vegetação de laranjeiras, bananeiras, faveicas (?), cajueiros, contribuindo para sombrear o longradouro, tornandoá agradavel nas horas quentes do dia. Ha ali larenjeiras que produzem por ano quatro mil frutos cada arvore; e fui informado que não existiam ali formigas saúva, o flagelo do Oiapóc. Conforme a ordem de serviço que me fora dada em 23 de Agosto para os objetivos da Inspeção do Oiapóc, cumpria-se estudar o item n. 6: Possibilidades de nucleação dos indios no vale do Uaçá, numa povoação unica e o aproveitamento deles, como guardas de fronteiras, mediante uma educação apropriada. Para isso iniciei o contacto com os Caripunas, os mais adiantados da região, observando-os e inquirindo-os. Obsequiei-os com um pouco de fumo que trouxe e alguns biscoutos, notando que os Caripunas embora vestidos, asseiados, desembaraçados no trate comnosco, são ainda "indios" pela inexperiencia que tem da nossa civilização e pela ingenuidade natural devida á sua educação. Entre eles vive um nordestino, o Sr. Arsenio Pimentel Filho, casado legalmente com a Caripuna Maria Carneirinha Fortes tendo dois filhos menores, habitando dois bons ranchos no flanco direiro do povoado. Este nordestino, cuma fotografia omei, é um esforçado preceptor dos caripunas, pelo exemplo de trabalho, de honestidade no viver e de correção no trato dos negocios dos indios, ensinando-lhes a agricultura comum e as trocas comerciaes do mercado e além de tudo, não permitindo que eles falem outra lingua senão a nossa. Assim é que a maioria dos Caripunas fala bem portugues, vivem eles na sua vila prefeitamente unidos, em boa harmonia e prosperidade, pois todos sabem trabalhar nas suas roças, sendo a terra fertil e os rios piscosos. Iniciei então o meu interrogatorio: Diz Arsenio Pimentel Filho natural do Rio Grande do Norte, 49 anos de idade, casado com a caripuna Maria Carneirina Fortes, filha do Chefe dos caripunas, tendo dois filhos me-

nores. Que os indios caripunas, com quem vive ha 20 anos desde 1915, conhece-os bem a fundo desde quando veio para o local da aldeia onde tem sua casa, vivendo de agricultura e creando ovelhas, porcos, galinhas, não tendo ainda gado por causa do alagado das savanas. Cultiva algum café e vende por ano 50 alqueires de farinha no Oiapóc. Que hospeda a professora da vila, que está satisfeita na sua casa pela boa companhia, conservando ainda no alojamento creanças de outros paes que moram longe e que precisam frequentar a escola. Que os indios não desejam de modo algum, sair do Taminã,por isso que a terra não tem formigas, e pode produzir tudo o que s plantar. Que a região tem outras ilhas além do Taminã e que todas são igualmente boas de lavoura. E que a pesca é facil e propria para o tucunaré que vem no começo de verão, sendo esse peixe o mais procurado no mercado, bom como abundancia, de piranhas, que os indios preferem como alimentação. Que por isso seria impossivel qualquer mudança da vida e dos habitos dos indios. Que nada consta a respeito de recrutamento de indios por parte de autoridades guyanenses para o serviço militar da Canenna, sabendo entretanto que dois indios da tribu paricunas do rio Urucauá foram pegados lá para o serviço, mas que esses tinham lá o registro de nascimento. Conhece as irmãs deles e que a familia dos mesmos vivia ora cá ora lá e que por terem os rapazes nascido lá os francezes os sortearam na idade propria, mas um foi considerado incapaz para o serviço por sofrer de molestia, - chama-se este Ivo Labontê, que viveu tambem no Curipi e nascera no Cumacumã da Guyana Franceza. E que sabe que da Guyana não vem ninguem a procura de indios e nem mesmo os chamam para trabalhar em garimpos. Que alguns paricúras foram voluntariamente para os garimpos pois são indios nomades e aventureiros.

Inquirido Manuel Primo, caripuna, meio sangue de pae francez e mãe caripuna, 23 anos de idade, inteligente e bem apessoado, diz: que vive maritalmente com uma mulher por nã o ter tido ainda dinheiro para preparar os papeis de casamento e outras despezas.

Confirmou as declarações do Sr. Arsenio em tudo. Perguntado se gostaria de ser guarda de fronteira. instruir-se na carreira de soldado e prestar serviço militar disse não desejar nada disso e nenhuma inclinação para esse mister. Inquiri mais os caripunas Raymundo Fortes, Fernando Anicá e outros sobre o serviço de guardas, responderam não desejarem fazer esse serviço, nenhuma inclinação para o serviço militar de que todos tem medo. Inquirido o Snr. Amandio Manoel Martins, natural do Maranhão, 52 anos de idade e que vive materialmente com uma caripuna ha cinco anos, residindo na vila ha sete anos. Que trabalha em roças, tem dois filhos menores, vende a farinha que produz, cerca de 40 alqueires por ano. Diz que a terra é boa, os indios são amigaveis e confirma o que já foi dito pelo Sr. Arsenio a respeito dos indios, que é impossivel organizar um nucleo onde eles estejam com outros de tribu diferente e que dali não sahiriam para nenhuma outra parte. Que tem um retiro onde plantou de tudo e que vae melhorando de sorte nesse logar.

O Chefe das caripunas major João Fortes, parecendo ter 55 anos serio taciturno e reservado, nada adiantou sobre os meus objetivos, mesmo porque é velho e não se exprime bem em nosso idioma. Além deste cacique ha outro de nome Capitão Julio Gomes, - mesma idade e mais comunicativo. Esses postos foram dados como patentes aos indios por um ex-funcionario do M. do Trabalho de nome Eurico Fernandes de quem colhi não boas informações de sua atuação entre as populaçoẽs do Uaçá. Em seguida passei a visitar as moradias locaes tendo organização esta estatistica:

FAMILIAS CARIPUNAS VIVENDO EM CASA PROPRIA - TAMINÃ

1 -	caripuna	- Oliveira	------	- 2 filhos
2 -	"	- Rogerio	Mulher	- 3 menores
3 -	"	- Camilo Gomes	mulher	- 3 menores
4 -	"	- Velho Ambrosio	2 moças	- 1 maior 1 menor
5 -	"	- Quintino	mulher	- -
6 -	"	- Manoel Duca	"	- 1 maior 1 menor
7 -	"	- Alidio Felipe	"	- -
8 -	"	- Mauricio	"	- -
9 -	"	- Felicio	"	- 3 menores

10 -	Caripuna - Hermano	- Mulher-	1 maior/1menor
11 -	Paricurá - Afonso Japará	- " -	1 menor
12 -	Caripuna - Cap. Julio Gomes	- " -	1 moça
13 -	" - Alfredo Soares	- " -	2 menores
14 -	Jean Ville	- " -	1 menor
15 -	José Felipe	- " -	- - -
16 -	Henrique Felipe	- " -	1 menor
17 -	Cassiano Blau	- " -	2 menores
18 -	Afonso Pirron	- " -	---
19 -	Manoel Primo	- " -	1 moça/1.menor
20 -	Antonio	- " -	---
21 -	Alexandre Antonio Galibi	- " -	3 menores
22 -	Caripuna - Pedro Camila	- " -	2 menores
23 -	" - Marcel Narcise	- " -	2 menores
24 -	Eugenia e Abelardo Fortes		5 menores

25	(Caripuna - Major João Fortes	- Mulher	1 viuva-7 menores
	(" - Francisco Fortes	- "	1 menor
	(" - Henrique Fortes	-	---
	(" - Augusto Fortes	-	---

26 -	Caripuna- Galdino Santos	- Mulher -	2 menores
27 -	" - Faustino Bijá	- " -	3 menores
28 -	" - Julio Anicá	- " -	3 menores
29 -	" - João Anicá	- " -	4 menores
30 -	" - Emilio Anicá	- " -	3 menores
31 -	" - Leonel Julio	- " -	3 menores
32 -	" - Polycarpo José dos Santos	- " -	4 menores
33 -	" - Camilo Fortes	- " -	3 menores
34	(Caripuna - Pedro Batista	- " -	3 menores
	(Galibi - José Serrenice	Sua mãe -	----
35 -	Caripuna- Raymundo Pinto	- Mulher -	2 menores
36 -	Civil - Antonio Pimentel Filho	- " -	3 menores
37 -	Civil - Amandio Manoel Martins	- " -	2 menores
38 -	Civil - Manoel João	- " -	1 menor
39 -	Civil - Alfredo Soares	- " -	1 menor

FAMILIAS DO MONTE CARIPURÁ- margem esquerda

40 -	Caripuna- Alexandre dos Santos	- Mulher -	3 menores
41 -	" - Martinho dos Santos	" -	------
42 -	" - (Tanga rá)Afonso Batista	- " -	------
43 -	" - Coïó(Manoel Ant. Santos	- " -	2 menores
44 -	- Francisca dos Santos	- viuva -	2 menores
45 -	Civil - Antonio Pinheiro	- Mulher -	2 menores
46 -	" - Manoel Sacatoco	- " -	2 menores
47 -	" - Manoel Dutra	- " -	4 menores
48 -	" - Agostinho Batista	- " -	2 menores

Total 200 almas

O monte Caripurá é outra "ilha" situada na margem esquerda do rio Curipi em frente a Taminã. Os moradores estão espalhados pela faldas desses montes e vivem em harmonia dada indole pacifica dessas tribus. Existe na parte mais alta do Taminã uma capela cuja origem pode se referir ao tempo da catequisação desses indios pelos missionários da guyana franceza, quando da dominação desse territorio pelos francezes. Havia um estrado de madeira á guiza de altar e muitas imagens de diversos santos, porém todos sem as cabeças. Não pude saber a causa disso, mesmo porque os indios não possuem o sendo do mysticismo religioso e tudo para eles se limita a méra imitação do que se pratica nas ceremonias religiosas. A produção da vila conta de 200 alqueires de farinha de mandioca, anualmente, e 15 mil laranjas que exporta. Produz para o gasto: café, algodão, cacau, cana, favas, macaxeira, cará, mangas, jaqueiras e ananazes; quanto a creações de carneiros, patos, galinhas, porcos e cinco cabeças de gado com o Manoel Primo. As pastagens do alagado são a canarana, o andrequicé ou serraperna, o capim arroz, o junto e o pariri. E no têso na o pé de galinha, o pacuan, o

capim de roçaconhecido por "cheveaux de madame" e o capim marreca; como se vê, são as pastagens do norte que aí não fazem falta. Quanto a madeiras há em abundancia nas ilhas. Nas aguas pescam-se a piranha, o tucunaré, o pirarucu, o baiarrá, o rurubi, a pescada, trahyra e o pacutau ou pacu.

Outubro 5 - Tendo terminado essa estatistica dirigi-me a escola publica da vila, alojada numa casa construida de madeira, aberta nos flancos, tendo um assoalho e alguns bancos, tudo sobr cobertuta de palha. No terraço fronteiro e limpo eleva-se um mastro e no topo a nossa bandeira mostrava as suas cores claras no verde profundo da mata que cobria a encosta do Taminã. A professora Senhorita Veronica Soares Leal, 23 anos de idade, solteiro, disse que a escola data de 1º de fevereiro de 1934, fundada sob o nome de Escola Mixta isolada da Vila do Espirito Santo do Curipi. Examinei os livros de matrícula e frequencia constante deles a matricula de 57 alunos tendo atualmente 48, sendo 25 do sexo masculino e 23 do sexo feminino. Existem 8 alunos de 16 aos 17 anos e 4 alunas na idade de 13 a 16 anos. Os demais estão abaixo desses limites de idade. Todos os alunos matriculados no ano corrente achavam-se presentes, na melhor ordem. Assisti com imenso contentamento ao canto dos nossos Hynnos de toda a classe, eles se exprimindo bem nosso idioma. Em seguida chamei os mais adiantados dos tres anos de curso, nas suas respectivas materias e, quer na leitura corrente dos livros como nos exercicios de contas w numeros, verifiquei ser ótimo o aproveitamento do ensino nessa escola do Curipi. Falando á classe dos jovens Caripunas muito atentos, expliquei-lhes que a instrução era o fundamento do nosso progresso e portanto de nossa riqueza. Se queriam possuir os bens da terra com facilidade não o poderiam sem a instrução. Conciei-os a se aplicarem mais aos estudos e obedecerem á professora e as autoridades nacionais, procurando falarem a nossa lingua que era a de sua patria, afim de defende-la melhor quando ele os chamasse á esse dever. A professora é uma moça de boa educação, bem prendada para o meio em que vive, quasi isolada da civilização, em região de impaludismo endemico. Está entretanto aclimada, é robusta e tem boa saúde. Apresentei-lhe as minhas despedidas e nesse dia - as 12,45 depois de carregado o nosso batelão, deixei a Vila do Espirito Santo, descendo o Curipi, em aguas de maré favoravel na preamar. Por ter, em subida, me ocupado do levantamento á bussola, aproveitei a descida para tomar algumas vistas fotograficas do Curipi e mais alguns metros de filmes cinematograficos. A distancia percorrida no Curipi foi aproximadamente de 39 quilometros até a boca do mesmo rio Uaçá, no ponto do Encruso onde pernoitamos pela segunda vez, tendo aí chegado ás 16,20.

RIO UAÇÁ - Sta MARIA DOS GALIBIS

Outubro 6 - Em maré montante deixamos o Encruso ás 8,25 depois que passou a pororoca com o seu ruido caracteristico. A correnteza auxiliara a nossa marcha sobre as aguas barrentas do rio Uaçá que nesse trecho tem uma largura de 90 metros. Margens cobertas de aningas na primeira fila, atraz desta uma vegetação de assahyseiros e taquaraes de mistura com mangaes. O rio alarga-se meia hora adiante em mais de cem metros. A vegetação não muda, más as 10,20 estavamos diante da embocadura do rio Urucauá, afluente do Uaçá como o seu igual o Curipi, que tinhamos deixado na vespera. Em duas horas de marcha a 15 quilometros por hora tinhamos subido a 30 quilometros do Uaçá sem termos encontrado um pouco de barranca ou terra solida para desembarcar. Á apareciam então muitos buritisaes ao lado de outros specimens citados e depois de deixarmos o Urucauá, á nossa direita eram frequentas as grandes favereiras e araparis. O rio estreita-se meia hora depois a 70 metros. A agua vae melhorando para menos barrenta. Uma hora depois o rio vae estreitando, estrangulado pelo excesso da canaranas das margens, em mistura com aguapés; aparecem os tijucos flutuantes, ha trechos tão estreitos que mal permitem passar o batelão. Muitas aves aquaticas, pelas margens os pavoesinhos ou galinhas de bugre as garças morenas as garças brancas, as jaçanas e que são conhecidas aqui por marrequinha e alguns raros patos. As 11,35 procuravamos um pedacinho de margem firme para pouso de almoço, encontrando com rara sorte um local na boca um igarapé tão coberto que não se suspeitaria de sua existencia ali.

O chão mole, mas não atolava e havia lenha na visinhança o que bastava para o nosso pouso. A agua tambem melhorou muito, já se podia beber, tão limpa aparecia, permitindo nos então um excelente café, a sombra de grandes faveiras. A nossa marcha tinha concluido 45 quilometros em media. Partimos dai ás 12,40 aguas claras, maré em preamar; porém dai para cima as aguas não obedecem mais a correnteza e acompanham o fluxo e refluxo apenas pela elevação ou abaixamento do nivel da superfície liquida. Navegamos em rio mais largo menos tijucos, vendo-se algumas aves como as carqrás, os mergulhões e jaçanas. Aparecem as savanas e as margens são cobertas de grandes arvores, faveiras e araparis, com raras aningas. As barrancas começavam a ter solidez permitindo bons pousos e o capim membeca se alastrava pelas ribanceiras. O rumo vae de 150º a 250º variando pouco no sector de um quadrante na sua orientação geral. Pssa-se o igarapélpoti que deve estar proximo das aldeias dos galibis. Depois, os descampados marginaes mostram o dorso do serrote Tipóc é visto ao longo nesse vasto alagado do Uaçá, como uma cortina azulada. O rio vae a 40 metros de largura, passa-se o igarapé Jaburú depois o Igarapé Tipóc. Vamos deixando o monte Tipóc, á nossa direita; o rio alarga-se a 60 metros com muitos jacarés raivosos, mas que não se animam atacar o nosso batelão. Ás 17 horas vimos ranchos de indios do rio Urucauá, os parieuras que costumam vir pescar o pirarucú nessa parte do Uaçá. Boca do Cumarumã as 17,15 igarapé frequentado por muitos jacarés, rio com mais de 80 metros de largura. Depois o igarapé do Caimã e ás 17,30 avistavamos o local que chamam Posto, onde ha uma escola publica e algumas habitações dos indios galibis. As 17,55 paravamos nesse Posto, que o nome de Santa Maria dos Galibis, ponto final da nossa jornada no rio Uaçá. Presumo termos pecorrido até aí a distancia de cem quilometros na jornada. O batelão foi decarregado e nos recolhemos a um alojamento amplo, que serve de escola, onde uma numerosa colonia de cabas havia instalado os seus ninhos. Com muito cuidado e paciencia armamos as nossas redes, sendo ja noite, respeitando os terriveis insectos alojados ora pela palhoça do teto ora pelos mourões da casa. Havia outros ranchos dos indios galibis ao lado, bem como algumas laranjeiras, cafeeiros, cacaueiros e outras plantas de cultura. O local tem o nome de Santa Maria de Galibis do Rio Uaçá. Nessa noite enviei uma canoa com dois indios para chamar o major chefe dos galibis e seu pessoal que vivem um pouco acima; mais dois emissarios, para avisar o Tenente Narciso e outros elementos da tribu com todos os seus adherentes que moravam mais abaixo, no Tapumurá, de sorte que pudesse reunir todos os Galibis no dia seguinte no Posto Sta. Maria.

Outubro 7 - Iniciei o serviço logo cedo, com o grupo de indios do local e dos que chegaram depois com o Tenete Narciso e o ex-chefe Chinois, grupo de marcada preponderancia na população Galibi. Pelas informaçoẽs que ia tomando notei estarem os galibis desunidos, efeito de providencias mal tomadas por um ex-funcionario do Estado investido pelo Ministerio do Trabalho de Inspetor de indios de Uaçá. Assim nomeou ele, por escrito, outros chefes, destituindo deste posto o que havia antes, de nome Chinois. Resultou mudaram-se os partidarios deste para outro local e organizarem a sua vida a parte. O centro neutro continuou residindo em Sta. Maria e os novos chefes subiram o rio para se instalarem em outras ilhas. De modo que assim desarticulados, os galibis não constituem uma gente de ação, podendo dizer-se que estão ao desemparo. Não sendo numerosa a tribu, as terras firmes de Sta. Maria e suas ilhas proximas, permitiriam a vida á todos eles como agricultores, residindo proximos uns dos outrso. Do interregatorio que procedi ouvindo os chefes mais antigos e o que parecia mais inteligente, apresento o resumo seguinte: Que os galibis são como os demais da região de savanas, ordeiros e pacificos, vivendo satisfeitos e não desejando alteraçoẽs quanto ao seu modo de vida. Pela natureza das terras alagadas circundando os tesos onde eles plantam nas suas roças, são forçados a viver separados, pela exiguidade de terras dessas "ilhas" A terra mesmo assim é boa e a pesca abundante no local onde vivem, bastando a todos. Que os rios e lagos dão o pirarucú, o tucunaré, o aruaná, o aparary, trahyras, piranhas, jijus, tamatis, surubis, pescadas e outros. Que vendem muito o tucunaré e o pirarucú, sendo este calculado em cem exemplares que vendem anualmente ou sejam dez mil quilos de mantas salgadas. Ainda há o tracajá em abundancia e que a pesca é feita

nos rios Uaçá e seus afluentes, bem assim nos lagos Maruani, Tipóc, Jaburú e Galibis. Quanto as terras, plantam a mandioca, cará, batata doce, cana, bananeiras, milho, ananás, laranjas e café. Não ha negocios de cereaes e afrina porque não ha incentivo para maior produção do que a do consumo proprio; tambem isso e devido não haver um chefe que os oriente no sentido de maior trabalho e da renda da produção. Tudo alí tem andado em decadencia, vivendo eles só da pesca e de uma reduzida plantação para o gasto da familia. Acham que o chefe atual não tem geito para desenvolver as atividades do grupo e por isso muitos galibis tem se retirado do Uaçá para outros pagos em terras mais distantes. Que alguns Galibis, como o Mauricio e o Alexandre, foram contratados em St. George por um senhor de nome Jorge Hollandez, para trabalharem nos garimpos do rio Marupi e que os indios não quizeram continuar, tendo voltado a St. Maria. Sabem que da tribu dos paricuras do rio Urucauá, gente que se encontrava dividida, vivendo muitos na Guyana Franceza, foram sorteados para o serviço militar todos aqueles que lá nasceram e foram registrados cidadãos guyanenses. Por isso os paricúras fugiram do territorio francez para o nosso lado, mas que não veio ninguem á procura deles por enquanto. Que ha muitos anos, quando eram ainda pequenos, seus paes lhes contaram que os portuguezes quizeram escravisar a tribu e que quasi todos fugiram para o Caciporé. Depois, sendo contestada a terra, as missões de padres francezes vinham as aldeias ensinar e dizer missa eles receberam educação desses padres na lingua franceza, por isso só sabem falar nesse idioma. Que depois, ha 35 anos, se soube que a terra era do Brasil, mas o Governo não mandou nenhum recurso nem educadores para eles. Até que, dois anos passados, veio um professor do Estado para ensinar os meninos, um ano apenas e que ele já falhou á escola todo o inverno. Que conhece dois casos de fuga de moças menores para se prostituirem na Guyana e que já voltaram á aldeia. Uma delas afirma ter sido negociada com o Jorge Hollandez no Tampak e outra com Ignacio Jacob do Caciporé, o ultimo morador, onde existe um atalho que vae do Uaçá, no percurso de duas horas de marcha em terra firme. Que o creoulos da Guyana estão trabalhando em garimpos nas cabeceiras do Uaçá, sendo chefiados por Toussain e Tranquile, este ultimo irmão de Chinois, e com negocio em Saint George. Estão trabalhando no Monte Januacá, cabeceiras do Uaçá. Que o Jorge Hollandez foi para o Caciporé com um barco carregado e muitos creoulos, inclusive o comissario de policia do Espirito Santo, Abel Laroque. Que o arabe Mansau ja veio procurar indios para os garimpos do Caciporé, mas só quer pagar 3$000 o que não compensa o trabalho por isso ninguem quiz acompanha-lo. Que os galibis sabem trabalhar para se desenvolverem, necessitando apenas de chefes. Sua industria de taboas de madeira"louro bordage", estacionou, por falta de compradores. Existem tres serra o serviço é feito á braço e no local da madeira. Que trabalham no inverno por estarem os campos alagados e ser mais facil o transporte das taboas nas canoas. Que cada taboa é vendida a tres e quatro mil reis por peça de 4 metros de comprimento e de uma polegada de espessura. Que tambem fabrica canoas batelões e montarias, tendo o ano passado sido vendidas dez montarias. Que antes tinham um chefe, o capitão Cinois, e que o senhor Eurico Fernandes, delegado do Governo, nomeou outros. Estes, sem iniciativa, não desenvolvem o trabalho, não sabendo falar a lingua nacional. Que apareceu ha mezes um padre de Macapá, alemão, para casar e batisar ali, pedindo dez mil réis por pessoa para batisar e quinze mil réis para os casamentos, mas que eles não tinham dinheiro. Por isso o padre batisou gratuitamente, dizendo que ele cobrava pelos sacramentos por que nosso governo não queria pagar os padres para as missões dos indios, tendo ele recebido muitos presentes mesmo o serviço de remadores para sua condução. Que os galibis tem necessidade sobretudo de ferramentas, pregos e maquinas para se desenvolverem terçados, enxadas, machados, serras. picaretas, polvora, chumbo e espoletas. Que esses objetos custam tão caro que o pouco que produzem não chega para compra-los. Eis aí o que ouvi de alguns galibis, tendo comprovado qualquer coisa de seus depoimentos por exemplo o que afirmam quanto aos garimpos do Uaçá e o Caciporé, sobretudo mais exceto quanto ao reverendo de Macapá e quanto ao caso das moças que foram negociadas na Guyana, por serem assuntos que somente um inquerito muito demorado poderia esclarecer. Quanto ao que afirmam sobre

os chefes, procurei sondar o major Jenet Alexandre e o tenente camilo Narcise; ---------- ambos exibiram as suas "Patentes", conferidas pelo ex-funcionário Eurico Fernades em papel oficial do Ministerio do Trabalho, serv. do Povoamento. Não são esses chefes melhores nem piores do que os demais, são indios por natureza, inteligentes e mesmo capazes de qualquer iniciativa. O que os perturba e a prevenção que ficou existindo dado o aspecto moral da destruição do velho chefe. Não foi de boa politica esse ato de efeitos negativos dada indole dos nossos indios. Admiti-se que uma autoridade teme iniciativas sobre os indios e suas atividades, mas conservando as velhas tradições da tribu com seus chefes seus costumes ate que pela edução progressiva, a nova geração tome conta de seus negocios, libertando-os assim da tutela oficial.

Outubro - 8 - O professor da vila, Sr. Abelardo Botelho do Nascimento, natural do Pará ha dois anos no cargo de professor da Escola Isolada mista de Sta. Maria dos Galibis do Rio Uaçá, informou-me ter sido transtornada a instrução por estarem os indios muito separados, não podendo por isso os meninos frequentarem regularmente as aulas. Estão matriculados 39 alunos, 25 do sexo feminino e 14 do sexo maculino. Tem sete moças e cinco rapazes maiores de dez anos, os demais são menores. A frequência é precaria pelo fato acima dito. Entretanto nesse dia vi reunido um bom numero de meninos que tinham chegado com os paes. O professor Abelardo reuniu os seus alunos para o canto do Hynno Nacional e hasteamento da Bandeira cerimonia que foi acompanhada com devotamento por toda a nossa tripulação e pela totalidade dos galibis ali convocados, homens, mulheres e meninos.

Outubro - 9 - Para complemento do serviço de informações organizaei a seguinte estatistica da população de galibis vivendo em Sta. Maria e arredores.

INDIOS GALIBIS - ESTATISTICA - POR FAMILIAS

1 - Major Jeanete Alexandre	Mulher	4 menores
2 - Tenente Camilo Narciso	"	4 menores
3 - Julio dos Santos	"	1 "
4 - Antonio Charles	"	2 "
5 - José Manoel	"	1 "
6 - Lucien Charles	"	3 "
7 - Manoel Serenice	"	2 "
8 - Antonio Macia	"	4 "
9 - Amelice Gustavo	"	1 "
10- Raimundo Maurice	2 Mulheres	2 "
11- Velho Fouson	Mulher	1 menor 1 moça
12- José Nunes	"	1 menor
13- Lourenço Nunes	"	1 "
14- Vitor João	"	1 "
15- José Felizardo (solteiro)	" (mãe)	1 " irmão
16- Polydoro Manoel (17 anos)	" (viuva)	1 menor
17- Chinois-Evaristo Emilio	"	3 menores
18- Manoel Laureano	"	2 "
19- Emilio Joaquim	"	2 "
20- Justino Felicio	"	1 menor
21- Henrique Narcise	"	2 menores
22- Andrelino Antonio	"	2 "
23- Gustavo Hypolito	"	2 "
24- Mulmiro Hiolito	"	2 "
25- Hypole Emilio	"	2 "
26- Miguel Archanjo	"	1 menor
27- Leonel Equeno	"	5 menores
28- João Gabriel	"	- -------
29- Felicio Antonio	"	
30- Emilio Henrique	"	2 menores
31- Equeno Theodoro	"	1 menor
32- Malaquias André	"	2 menores
33- Aurélio Bernardes	"	2 "
34- Manoel Tobias	"	1 menor
35- Henrique Faustino	"	- -----
36- Martinho Eduardo	"	- -----

37- Alexandre Narciso	Mulher	4 menores
38- Felicinea Jarmet	"	3 "
39- Adalberto Emilio	"	1 menor
40- Raymundo Jeronymo	"	2 menores
41- Paulo Francisco	2 Mulheres	2 menores
42- (Ducê) Denise Bonlanger	3 Mulheres	3 menores
43- Leonard Massá	Mulher	2 "
44- Pedro Caima	"	2 "
45- Arabe-João Cadet	"	1 menor
46- Civil- Lourenço Nunes	"	1 menor
47- Civil- José dos Santos	"	4 menores
48- Civil- José Nunes	"	1 menor

Total 187 almas

existem portanto 44 familias de indios galibis, mais quatro familias de civilizados com mulheres galibis, perfazendo a população total de 187 almas. É possivel que tenha escapado uma ou outra familia vivendo muito retirada o que daria o total de duzentas almas; isso porém, não pode afirmar. A maioria dos galibis ainda pintam um pedaço da cara de rouge urucum, e usam muitos berloques e colares, o que não vi entre os indios caripunas do Curipi. Vestem-se regularmente e não falam a lingua nacional, entendi-me com os chefes em francez. Apenas alguns o de nome Miguel Archanjo, o tenente Camilo Narciso, e o Julio dos Santos exprimiam-se melhor no nosso idioma. Muitos deles são meio sangue de francez com mãe galibi, como o Miguel Archanjo. Ha entre eles alguns aventureiros vivendo com mulheres galibis com quem tem filhos, inclusive um rabe de nome João Cadet. É necessario legalisar essas uniões pelo casamento o que lhes fiz ver afim de providenciarem a bem da moralidade de costumes no territorio brasileiro. Não me parece haver inconvenientes nos casamentos de gente de fora com as indias, quando a união e bem intencionada; mas o que não póde ser permitido pela comunhão extra legal. Por fim sondei as disposições deles para a defesa do nosso territorio no caso de guerra com o extrangeiro. Encontrei-os reservados quando ao serviço militar, mas responderam alguns que defenderiam a terra quando fosse preciso, contanto que lhes fossem dados recursos em armas e instruções. A região onde vivem os galibis é muito semeada de ilhas ou tesos e com alguns lagos permanentes e piscosos. Dista pouco do serrite de Tipóc, uma lombada alta coberta de matas virgens, terras boas ainda por aproveitar. As savanas se estendem muito alem, alagam nas chuvas de modo a serem navegadas do Uaçá ao Curipi em canoas, as comunicações sendo mais rapidas nessa época.

Outubro 10 - As 7,50 partimos de Sta. Maria, terminada a nossa missão no Uaçá, com destino ao rio Urucaua, que desagua no medio Uaçá. Em descida fui tomando alguns aspectos fotográficos dessa parte do rio, encontrando, ha uma hora de marcha um batelão de creoulos que vinham subindo o Uaçá em pouso numa sombra de araparys. Com eles ia um nacional de nome Felinto Moraes dos Anjos como interprète dos responsáveis que eram os Guyaneses Zaron Constantin e Neron Michelis ambos francezes. Pedi-lhes os papeis de autorisação, tendo eles apresentado os seus passaportes, licença do consul brasileiro de Cayena para entrarem em nosso territorio, atestado de saúde, e licença das nossas autoridades do Espirito Santo de Oiapóc, para trabalhares em garimpos em todo o nosso Territorio desde o Araguary até o Oiapoque. Podiam portanto os mesmos subir o Uaçá e escolher nas suas cabeceiras o local que bem lhes conviesse para retirarem ouro brasileiro. Apenas não vi com eles um papel onde se especificasse o destino que deviam dar ao ouro brasileiro, onde e por que moeda deveria ser ele vendido preferencialmente ou obrigatoriamente. Esta já era a segunda expedição de creoulos que subia o Uaçá, penetrando nas terras reservadas aos galibis e seus irmãos do Urucaua e Curipi, podendo perturbar a vida dos nossos indios, já por pedir-lhes sua farinha, os produtos de suas roças, já por haver possibilidades de desrespeitarem as suas mulheres. No dia em que o alto Uaçá for invadido pelos creoulos e outros aventureiros teremos a lamentar mais uma calamidade para as tribos que ali vive. Os documentos eram assinados pelo coletor Afonso Gouvêa e pelo Sr. Nestor Soares, respondendo pela coletoria do Espirito Santo. A licença era concedida para habitar a "Guyana Brasileira" do Araguary ao Oiapoque, sic. Mais abaixo encontramos indios paricúras do Urucauá, pescando nas aguas do Uaçá. Eram muitos e perguntavam se o governo queria agarra-los para soldados, o que lhes fazia muito medo. Havia ran-

chos deles com vareas cobertos de centenas de mantas de pirarucú salgado a secar. Com o advento dos garimpeiros no Oiapóc todo esse peixe encontra mercado imediato e por preço vantajoso em Demonty; Não tivemos vantagens de marcha nesse dia por causa dos camalotes que não permitiam o transito do motor. Recorremos a zinga, tendo atingido as 19 horas o pouso em que tinhamos almoçado na subida.

Outubro 11 - Partimos do pouso no rio Uaçá ás 8 horas, em continuação da nossa viagem ao Urucauá, que desagua pela margem esquerda do Uaçá, cerca de 30 quilometros acima da barra do Guripi. Maré contraria iamos subindo á razão de oito quilometros por hora. As margens do Urucauá apresentam aspecto pouco diferente das de Curipi. Em principio assahys, buritis e taquaraes, com uma fileira marginal de aningas; largura 30 metros. Uma hora depois encontramos os "balseiros" flutuando á mercê da maré. Ás 10,45 avistamos o flanco do Tipóc. lombada já conhecida no Uaçá, e que vindo daquele rio chega até a margem direita do Urucauá. Ás aguas iam melhorando apareciam as savanas; mesmo aspeto já descrito quanto ao Curipi e Uaçá. Ás 11,15, paramos numa barranca firme e coberta de grandes faveiras e araparys margem direita. Aí almoçamos sob uma sombre hospitaleira, vendo não muito longe a lombada acizentada do Tipóc. Ás 13 horas continuamos a viagem e ás 14 horas estavamos frente ao Monte Souris pela margem esquerda. Pela margem direita a monraria do Tipóc, a pouca distancia, apresentava o flanco oeste em ponta de 800 metros de extensão. O terreno do sopé era recortado de lagos secos onde havia numerosos bandos de garças. Campos alagados no inverno e atoladiços nesta época. Ás 15,30 paravamos em frente á Montagne Cupi onde reside um chefe dos paricúras, o capitão Serenice e séde da Escola pública. Para reconhecimento marchei ainda uma hora rio acima, voltando depois ao porto da Montagne Cupi. Aí providenciei com os indios um acampamento, por ser o terreno brejoso e não poder em transportar a carga a aldeia, cuma distancia era de 4 quilometros do porto. Os indios que encontrei no local só podiam entender o francez; pedi lhes me fossem cortar madeira para nossos toldos, dando-lhes fumo de que muito precisavam. O Porto, na margem esquerda, descoberto, dispunha apenas de uns seis metros de fundo; a terra marginal molhada, coberta de canarana já pisada; tudo mais era atoladiço. Do outro lado do rio existia um coberto de grandes arvores, terra firme, perguntei ao indio se não seria melhor pousar ali; o paricura respondeu vivamente; "Pas bon, mon cheri, vous'n pouvez pas dormir, beaucoup de fourmis, beaucoup. "Havia dois ranchos a 200 metros da nossa posição na savana, do nosso lado, perguntei-lhe se não poderiamos ali acampar; respondeu-me "non, mon cheri, pas bon, c'est tout sale, le sol tout mouilé, plein de boue". Resignei-me pois a levantar os toldos nesse local, o que conseguimos já quase às 19 horas por terem os paricuras trázido os paus necessarios do Mont Coupi, de 500 metros de distancia. O capitão Serenice já se encontrava ao nosso lado auxiliando as providencias e o café já estava pronto, tendo sido servido em sua amavel companhia. O capitão tem uma fisionomia rude, o rosto meio pintado de rouge, mas possue o dom de atrair pela simpatia que emana de sua expressão cordial e obsequiosa. Perguntei-lhe se tinham os paricúras recebido alguns recursos de nossas autoridades, respodeu-me "Ah, mon cheri paricúra pas gagné, rien, rien- Perguntei lhe se creava gados" Pas gagné du betail". Se tinha frangos e galinhas para vender:" Pas gagné du poulet, mon cheri." o verbo ter na lingua dos indios, transformou-se em ganhar, o que se deve notar sempre que se fala com eles.

Outubro 12 - Nesse dia ocupeime de serviços de informações e estatistica, pois na vespera tinha enviado canoas para chamarem os paricuras e seus chefes com quem desejava me entender. Logo cedo já aí encontravam-se quase todos os que vivem na região do Urucauá, exceto os pescadores que vi no rio Uaçá, ali reunidos em mais de vinte familias. Isso era um contratempo para o meu recenseamento que já ficaria desfalcado dessa população. Dei inicio a meu interrogatorio, enfrentando as primeiras dificuldades, por isso que os indios estavam assustados e mal informados quando aos nossos designios. A gente paricúra encontra-se em estado de educação muito atrazada, ainda com habitos quase primitivos, usando muito urucum, pouca roupa e não abandonando as suas flechas. Nesse estado moral, pouco se pode esperar da cooperação deles para qualquer serviço que dependa de principios de responsabilidade. Encontrei-

os pois indispostos que responder, mais interessados em perguntar, curiosos do que vinhamos fazer, se tencionavamos prende-los ou mal tratá-los. Acalmei-os nesse sentido, tratando-os como as crianças, falando-lhes com sinceridade para inspirar-lhes confiança. Tudo isso expressando em lingua franceza que compreendem bem, embora falem em "argot" peculiar dos creoulos da Guyana. O meu interrogatorio consistiu em colher de cada um deles uma relaçaõ das coisas de que precisavam, ferramentas para lavoura, serras para madeiras, roupas, uniformes vistosos para os chefes e sobretudo, que não lhes alterasse o modo de vida, deixando-os em paz onde estão, já acostumados á sua pesca e a pequena lavoura. Qunato ao serviço militar, nem pensar, tanto se mostraram medrosos.

O Capitão Serenice informou-me sobre os sorteados da Guyana. Tratava-se da familia dos Labonté, que musou-se dai para o territorio francez. Moravam lá os paricuras: Alexandre Laboneté com uma mulher e filhos; Felice Hypilito com mulher e quatro menores; Alexandre Polyméde e mulher; François Maurice e mulher; Ouguenisse Beatil e mulher; Eduard Maurice e mulher; Gisse Eduard com mulher e quatro filhos menores; Ladorrane Anatole com mulher e dois filhos e Parrice Laboneté com mulher e dois filhos. Essas familias vivem na Guyana, das duas roças e do produto da pesca, não estando no Urucaũa porque não ha ali recursos suficientes para todos. Está claro que os indios dessas familias que nascem naquele territorio não são brasileiros, a menos que haja qualquer entendimento com o Governo Francez no sentido de considera-los taes por estarem sob a tutela do Estado Brasileiro e desse modo com o direito, que assiste aos filhos dos representantes diplomaticos, de conservarem a sua nacionalidade - quando nascidos em territorio estrangeiros.

Ao meio dia apresentaram-se o major Audice, o tenente Guillaume e o "Comissario de Policia", Maximilien, todos ostentando ao peito uma medalha de José Bonifacio do S.P.I. Traziam tambem as "patentes" dos seus postos, passadas pelo Sr. Eurico Fernades. O Comissario de Policia, cargo que vi pela primeira vez entre os indios, não falava a nossa lingua, todos se exprimindo em francez. Consegui contudo organizar um recenseamento da populaçã o Parikura.

FAMILIAS PARICURAS COM HABITAÇÃO

1	- Capitão Serenice Yoyô	mulher	- 7	menores
2	- Major Audice Flot	2 mulheres	- 1	velho
3	- Tenente Guillaume Laboneté	-------	- 3	menores
4	- Ten.Comissario Maximilien Mal.	mulher	- 5	menores
5	- Antonio Pierre	mulher	- 3	menores
6	- Eduardo Laboneté	mulher	- 1	menor
7	- Viuva Alenda	1 moça	- 4	menores
8	- Hypolito Anatole	mulher	1	menor
9	- Felice Poly	"	- 3	menores
10	- Eduardo Toussaint	"	- 3	"
11	- Pasbien Japará	mulher		-------
12	- Polimède Damase Japará	---	- 2	menores
13	- Camilo Nazareth	---	-	-------
14	- Fernando Japará	mulher	- 3	menores
15	- Eugene Narcise	mulher	- 3	"
16	- Alido Narciso	"	- 4	"
17	- Emil Antoine	"	- 2	"
18	- Leonce Antoine	"	- 2	"
19	- Aaté Antoine	"		-------
20	- Henri Damase	"	- 4	menores
21	- Antoine François	"	- 2	menores
22	- Annete Lyon	------	- 2	menores
23	- Fini Henri Damase	mulher	- 3	menores
24	- José Alexandre	------	- 1	menor
25	- Victor	------	-	--------
26	- Jean Baptiste	mulher	- 2	menores
27	- Maurice Belleville	"	- 2	menores
28	- Eduard	"	- 1	menor
29	- Adolf Maurice	"	- 2	menores
30	- Simplice Fancille	"	- 3	menores
31	- José	"	-	------
32	- Afonso	"	- 2	menores

33	-	Polymene Laboneté	mulher	3 menores
34	-	Yestay Maurice	"	-------
35	-	Noel Labonté	"	2 menores
36	-	Alfred Leonee	"	3 "

Total 151 almas mais 20 familias ausentes-

A escola Mixta da Aldeia dos Paricuras do Rio Urucauá, instituiçã o congenere das do rio Curipi e Uaçá , e uma feliz iniciativa do Governo do Estado do Para de data recente 1935 quendo Governador e Major Barata. Vencendo o percurso de quatro quilometros do porto, em caminhos atoladiços, visitei a escola, na aldeia do Capitão Serenice, á s 15 horas, encontrando ali a professora D. Catarina Soares Leal, e uma duzia de escilares de ambos os sexos nas suas roupinhas de zuarte, tudo parecendo em boa ordem e disciplina. A professora, moça ainda, ali vivia com uma irmã de menor idade, no alojamento da escola, que também hospedava os meninos cujos paes moravam mais distanciados. O Capitão Serenice não sabia como fazer de tão contente por ter a aldeia a honra de hospedar uma professora que vinha ensinar os seus filhos e os dos seus irmãos paricúras. Por isso dizia ele ser o maior beneficio prestado aos paricúras, a creação dessa escola. A frequencia da escola e de 21 alunos, 15 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, estando matriculados 31 meninos e meninas entre quinze e oito anos de idade. Em virtude de sua recente fundaçã o ainda não estão bem acostumados os paricúras a mandar os filhos para o estudo. Está a escola situada no extremo Sul do Mont Coupi, em um alto, onde fica a aldeia mais importante dos paticuras. Com o rancho do capitão Serenice e alguns mais de outros moradores. Aí vi um bom cafezal, muitas plantações, laranjeiras, bananeiras, algodão e limoeiros. Dizem que esses montes o Coupi e o Sous Suris são de boas terras e tem muita caça, entre elas o tamanduá, caetetu, porcos, cotias, mutuns, jacutingas, perdizes, jacamins, marrecas, jacys e muita onça. Que lhes falta espingarda e munição para caçarem e que esperem ainda que um dia lhes venha esse presente. De tudo tive boa impressão quanto o bem estar dos paricúras nos seus montes das savanas do Urucauá. Falta-lhes uma orientação de conformidade com o seu modo de vida, um chefe civilizado que os dirija com certa firmeza, para que possam aproveitar melhor a terra e tirar dela maiores recursos. Do que eles temem é da escravisação - desejariam trabalhar, orientados, mas que esse trabalho não os extenuasse, não os obrigasse a pesados esforços.

Em síntese, os indios do Uaçá, não estão ainda em condições de serem utilisados para guardas de nossas fronteiras, excepto nas suas proprias terras. Uma instrução adequada lhes era necessaria para que eles possam futuramente prestar serviços dessa natureza, essa instrução militar sendo-lhes dada enquanto frequentarem a escola, podendo-se incluir os rapazes maiores em boas condições para a instrução de recruta. Quanto a localizar todos os indios num só núcleo acho isso inesquecível: 1º pela natureza da região cada ilha não comportando um grande numero de habitações e roças. - 2º pelas incompatibilidades do tribus e consequentes interesses. Quanto á situação atual dos indios do Uaçá, parece, pelo que acabo de expor, precisarem eles de uma direção oficial do S.P.I. que procederá visando os interesses da segurança e nacionalização das nossas fronteiras do Oiapóc.

O impaludismo é endemico em toda essa região.

Otubro 13- Deixei o porto do Monte Coupi as 8,50 descendo o Urucauá com destino ao Encruse. Tinha terminado a minha missão nos itens das instruções recebidas. Aproveitei a descida para tomar filmes dos aspectos do rio e ás 14 horas entravamos no rio Uaçá, com maré de refluxo, favoravel á nossa marcha. Mas ás 15 horas a maré montou, em forte fluxo, devido á data, vespera de lua nova, portanto em sizigia do novilunio. Das 15 às 17 horas vamos vencendo a correnteza regularmente, mas um quilometro antes do Encruso, a correnteza era tã o forte, que alé da força do nosso motor foi necessario empregar todo o pessoal no remo, para vencer esses mil metros em quarenta minutos. Chegavamos aquele puoso ás 17,35 lamentando que o nosso auxiliar Miguel Mendes tivesse aí um acesso febril de malária que o forçou a recolher-se á sua rede. Encarreguei um outro tripulante de serviço de cozinha.

Outubro 14 - Partimos do Encruso às 7,15 descendo o Uaçá, na sua parte mais larga, em maré favoravel, tendo chegado á embocadura do Uaçá na ponta do Mosquito às 9,45. A maré não permitia atravessar o promontorio raso dessa ponta senão depois do meio dia. Pousamos no mangal tropados pelas raizes, onde merendamos, acendendo o fogo sobre um tronco caido.As 12,30 veio a maré; largamos, daí para a frente, sondando a profundidade que acusava 2,3 e 3,1/2 pés. Conservamos a sonda de 3 1/2 isso forçando-nos a um regular afastamento da margem, mais de dois mil metros.A grande baía da foz do Oiapóc com o Uaçá estendia-se á perder de vista as margens desses rios. As 16,30 já tinhamos rodeado a Ponta do Mosquito e estavamos em frente a fazenda do Sr. Leal. Paramos um instante e continuamos a nossa marcha para Demonty em fim chegamos as 16 horas. Dispondo de boa maré, prossegui viagem subindo o Oiapóc, chegando ao Porto de S. Raymundo ás 18 horas onde pousei.

Outubro 15 - Chegamos a Clavelandia de volta do nosso serviço ás 18,50.

COMPLEMENTO

As informaçoes seguintes foram tomadas como colaboração, não sendo o assunto concernente - a natureza da missão que recebi para o Uaçá.

OIAPÓC - SÃO RAYMUNDO

Entrevistando o senhor Jacinto dos Santos, negociante estabelecido nesse local, natural de Portugal, estando no Brasil ha muitos anos viuvo de mulher brasileira, disse: Que é comprador de ouro para o Banco do Brasil, exibindo os seus taloes de compra e venda e outros documentos. Suas compras de ouro são regulares, pagando aos creoulos em frances quando tem e em moeda nacional. Que os francos de que dipõe para isso são adquiridos no balcão, da venda de mercadorias do varejo, todas recebidas do comercio de Belém, portanto, nacionais; e que são compradas pelos guyanenses que lhes pagam em francos, havendo dias que a sua feria orça em mais de 600 francos, o que prove exibindo a sua caixa ainda nã o recolhida de onde tirou 640 francos em papel. Que o volume de suas compras regula 50 quilos de ouro anualmente, esperando que este volume tenha a um grande aumento este ano, talvez a mais do dobro. Não tem garimpeiros ao seu serviço mas faz aviamentos, estando atualmente com oitenta contos empregados nisso. Que os creoulos guyanenses são homens honestos nos seus tratos, com uma ou outra excepação, não podendo entretanto garantir se eles contrabandeam o ouro para o territorio francez. Tendo o ouro da guyana subido a 15,60 a grama havia compradores particulares oferecendo 22 francos, devido ás dificuldades de creditos em cheques para Guyana. Que os creoulos francezes e inglezes saõ muito nacionalistas, ainda falam muito nas fronteiras do Araguary como integrando seu Eldorado, velho sonho dos Guyanenses. São eles muito obedientes e habituados a disciplinar, vistos os castigos severos a que estão sujeitos os presidiarios de Cayenna, não se negando nunca a receber a nossa moeda em pagamento pelo ouro que vendem, preferindo ocultar o ouro quando não a querem receber. Sabe serem ultimamente seguido ourives para preparar no local dos garimpos o ouro das minas em confeções de joias, berloques, aneis, rosarios de pedaços de ouro fundido e outros adereços proprios a iludirem a vigilancia das autoridades fiscaes francezas e dos compradores brasileiros.

Sugere o Sr. Jacinto uma fiscalização rigorosa da parte das autoridades brasileiras, o que não existe na fronteira, de modo a evitar que o nosso ouro possa emigrar para o estrangeiro em tão grande proporções. Os creoulos sujeitam-se a essa fiscalização pois seu interesse unico é vender o produto. Que nã o conviria fechar a fronteira ao trabalho do garimpeiro guyanense, por ser este um excelente trabalhador, bem aclimado e conhecendo metodos proprios ao serviço e seu melhor rendimento; além de serem perseverantes, resignados e conhecedores da região. Os garimpeiros nacionais, com raras excepçoes, não suportam as endemias, sendo logo atacados pelas feveres e não tem a mesma habilidade e paciencia. Sabe de casos em que os nacionais abrem um fósso e ali trabalham sem fruir resultados abandonando-o; vem o creoulo e no mesmo local abandonado consegue extrair o ouro desejado. Ouviu dizer pelos creoulos existir uma estrada de rodagem que vae da Cayenna ao alto Oiapóc em territorio

guyanense dirigindo-se a Camupi, sendo os creoulos muito discretos a respeito disso, nada querendo contar do que se refere ao lado de lá. Uma vez ouviu entre eles uma conversa onde se tratava de uma mina nova e de enorme percentagem de ouro, descoberta recentemente na terra brasileira, fato conservado até agora em segredo, havendo muito misterio nesse negocio, sendo o assunto muito comentado entre eles. Quanto a legalidade de entrada de guyanenses no nosso territorio, disse que existe um escrivão em Espirito Santo para exibir licenças dos garimpeiros, á razão de 20$000 cada uma (documento junto) e que deveriam ser regularmente tiradas em Chaves onde está a Coletoria Federal. Como os garimpeiros nã o podem ir a Chaves ha o escrivão do E. Santo que cobra essa importancia á título de emolumentos para a sua manutenção naquele posto. O comissario de policia tambem exibe uma licença especial de porte de armas e a de habitar o territorio brasileiro ocupando-se de garimpos - pela qual é paga a importancia de 30$000. Que o comissario seguiu para o Caciporé acompanhando um grupo de garimpeiros, pensa que foi um serviço de fiscalisação. Que já aviou mais de 10 barcos que se destinam aos garimpos do rio Caciporé,os 7 primeiros levaram 230 homens havendo outros em preparo sendo todos, creoulos brasileiros só 17. Que houve tempo em que os indios do Uaçá produzia muita farinha taboas e outras coisas para vender no Oiapóc e que ele era um dis grandes compradores, mas que o Sr. Eurico Fernandes investido nesse tempo de delegado dos indios e seu ex-associado da sua casa comercial, prohibiu esse comercio deles, afim de tirar vantagens, monopolisando-o. Assim ele adquiria dos indios as suas mercadorias s preço baixo e as vendias por preço maior. Falou-me tambem o mesmo informante sobre a concessão de terras do Oiapóc que alguns interessados estão requerendo afim de sublocarem depois essas terras á preços maiores. Enfim sugiriu ser creado no Oiapóc, ao lado de uma fiscalisação federal e eficiente da venda de ouro, uma carteira do Banco do Brasil para facilitar o cambio de moedas para Cayena por meio de cheques emitidos pelos compradores de ouro e compensados em mercadorias brasileiras.

Informa Andrelino Costa, brasileiro, 46 anos casado, comprador de ouro dos garimpeiros, comerciante estabelecido com uma barraca na boca do Camupi e de passagem em S. Raymundo; que conhece bem todo o serviço dos garimpos, onde vem trabalhando ha 14 anos na dureza da região, tendo sido atacado constantemente pelas febres. Tem experiencias sabendo que os garimpeiros brasileiros tem pouca resistencia, para esse serviço, o creoulo guyanense resistindo muito mais. Porque o creoulo tem outro metodo de trabalho, alimentando-se muito mais e melhor. Come alimentos mais saudaveis; seus generos consistem de oleo de olivas, leite, manteiga, queijos, bolachas, trigos para o preparo de pankekas, arroz farinha d'agua, carne de salmoura e feijão. Combate os resfriados com o cognac e que não poupa dinheiro quanto tratá-se de sua alimentação. Que o ouro todo das minas não vae para o Banco do Brasil porque a fiscalização não existe, acreditando que passa mais de metade do ouro para o lado francez porque a produção é muita e eles precisam de francos, existindo porem pouca moeda franceza na fronteira. Que ha caminho bom que vae do Camupi, pelo divisor do Aprouague, para Cayenna. Assim como sahe ouro do Brasil tambem sahe ouro das minas francezas em contrabando para ser negociado no Brasil e que ele mesmo tem comprado esse ouro. Havendo um bom serviço de fiscalisação, policia e saude, do governo do nosso paiz, o ouro todo do brasil não sahiria havendo pois grandes vantagens para o desenvolvimento da região de fronteiras.

Assim tenho concluido em resumindo relato, as ocorrencias havidas durante o meu percurso de inspeção pelo rio Uaçá e seus tributarios.

No meu relatorio farei menção dos assuntos correspondentes aos objetivos constantes da Ordem de serviço n. 1, em consequencia do que pude observar no ambiente das populações daquele vale, apresentando as soluçoẽs que acho apropriadas á situação e que penso serem merecedoras de providencias do nosso governo.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1936

Major da Rs. de 1a. C. Luiz Thomas Reis

Ao Sr. Coronel Inspetor de Fronteiras.